

Rogério Miguez

A força do exemplo

Difundida no meio espírita, encontra-se a seguinte orientação: a maior caridade que se pode fazer pela Doutrina é a sua própria divulgação. Esta expressão, exatamente como está escrita, além de algumas variantes, pois cada qual a registra de modo particular, inspira-se em ensino do Espírito Emmanuel a que nos referiremos adiante. Normalmente, a máxima é citada para enfatizar a divulgação espírita, visando a sua melhor propagação, pelos meios escritos, televisivos, e pelas variadas mídias existentes.

Poder-se-ia perguntar qual seria a razão de se questionar a propriedade desta norma? Afinal, divulgar não é útil e bom? Afirma-se ser a propaganda a alma do negócio, e quando se faz divulgação, faz-se propaganda, não há sombra de dúvida.

Todavia, há duas pertinentes questões envolvidas aqui em exame: a primeira se prende à despreocupação e tendência de muitos em não serem fiéis aos escritos alheios, uma vez que, agindo assim, podem facilmente modificar sobremaneira a ideia original do autor, como é o caso da expressão que aqui focalizamos. É semelhante aquele antigo ditado: “Quem conta um conto, sempre aumenta um ponto”; e neste particular poderíamos dizer “sempre modifica um ponto”; a segunda é saber se realmente a maior caridade que podemos fazer pela Doutrina é a sua divulgação pelos meios citados, entre outros; é informação capital, porque, se for assim, devemos sempre concentrar todos os nossos esforços nesta direção; se porém não for, precisamos redirecionar a nossa atenção para o foco real, sem esquecer também da valiosíssima e tradicional divulgação.

Em relação à primeira questão, é preocupante a conduta de alguns em alterar, acrescentar ou suprimir, palavras e sentenças contidas em um texto espírita. Muitas passagens

nos Evangelhos foram afetadas por esta prática, fato previsto por Jesus, levando-o à promessa de nos enviar outro Consolador. Seus ensinamentos, sabia-o Ele, seriam esquecidos e **deturpados**, pois o Espírito, ainda em evolução, divisando um ponto de vista que não consegue bem compreender ou aceitar, ao transcrevê-lo ou divulgá-lo, altera-o, consciente ou inconscientemente, de modo a ajustar a ideia às suas limitações de entendimento, adaptando as ideias alheias aos seus próprios princípios e experiências.

Devemos ser fiéis aos conceitos de outrem, independentemente se os aceitamos ou não em nosso íntimo. É regra, dentro da área de comunicação, jamais modificar o texto de um autor ao citá-lo, exceto se houver menção à modificação, fazendo as ressalvas necessárias. Se desejarmos divulgar opiniões outras, quando positivas, prática muito salutar, é imperioso sermos fiéis ao original.

Considerando a segunda questão em análise, cremos ser o desconhecimento a causa maior, justificando a posição dos disseminadores da máxima em avaliação.

Do que conhecemos, há no livro *Estude e viva*,¹ escrito com ditados alternados dos Espíritos Emmanuel e André Luiz, uma mensagem intitulada *Socorro oportuno*, da autoria de Emmanuel em que se encontra a forma original da tão propalada frase. Analisando, contudo, o seu conteúdo, conclui-se não ser exatamente esta a proposta de Emmanuel, conforme segue:

Lembra-te deles, os quase loucos de sofrimento, e trabalha para que a Doutrina Espírita lhes estenda socorro oportuno. Para isso, estudemos Allan Kardec, ao clarão da mensagem de Jesus Cristo, e, **seja no exemplo ou na atitude, na ação ou na palavra, recordemos que o Espiritismo nos solicita uma espécie permanente de caridade – a caridade da sua própria divulgação.** (Destaques nossos.)

Observa-se no texto menção a: *exemplo, atitude e ação*, que são condutas claramente voltadas ao nosso dia a dia de espíritas. A última orientação de Emmanuel, que se refere à *palavra*, até poderia ser interpretada por dita ou escrita, mas, mesmo assim, nada sugere ser a palavra escrita, entre as

quatro propostas citadas, a representante da maior caridade a se fazer pelo Espiritismo.

Além disso, Emmanuel não elencou prioridades, simplesmente disse “caridade permanente”. Esta ligeira reflexão feita sobre o parágrafo não poderia apontar para outra direção, caso contrário, Emmanuel estaria em contradição com Allan Kardec.

Plenamente cômico desta realidade, o mestre de Lyon, desencarnado em 31 de março de 1869, comparece em Espírito na sessão de 30 de abril de 1869, na Sociedade de Paris, apenas um mês após a sua desencarnação, e, em uma comunicação, registra esta sábia recomendação sob o título: *O exemplo é o mais poderoso agente de propagação*, entre tantas outras emitidas durante sua frutífera vida. Esta lúcida posição do Prof. Rivail consta da última edição da *Revista Espírita*,² de onde destacamos apenas um trecho bem objetivo, de interesse, para o caso em exame:

Venho esta noite, meus amigos, falar-vos por alguns instantes. [...] Tenho ainda alguns conselhos a vos dar quanto à marcha que deveis seguir perante o público, com o objetivo de fazer progredir a obra a que devotei a minha vida corporal, e cujo aperfeiçoamento acompanho na erraticidade.

O que vos recomendo, principalmente e antes de tudo, é a tolerância, a afeição, a simpatia de uns para com os outros e também para com os incrédulos. [...]

As brochuras, os jornais, os livros, as publicações de toda sorte são meios poderosos de introduzir a luz por toda parte, mas o mais seguro, o mais íntimo e o mais acessível a todos é o exemplo na caridade, a doçura e o amor. (Destaques nossos.)

Vale a pena o registro quando, mais à frente, nesta mesma mensagem, Allan Kardec, destaca a importância da fidelidade:

Que o mais perfeito acordo, a maior simpatia e a mais singular abnegação reinem no seio da Comissão. Espero que ela saiba cumprir com honra, **fidelidade** e consciência o mandato que lhe é confiado. (Destaques nossos.)

Creemos ser o texto claro o suficiente, sem dar margem a outras interpretações, atestando a preocupação de Allan Kardec ao recomendar ser o *exemplo* o mais seguro, íntimo, acessível e poderoso (este último está no título da mensagem) agente de divulgação da Doutrina, *exemplo* este intimamente direcionado à conduta caridosa, entre todos, sejam ou não espíritas.

Nada há a estranhar, considerando também o primeiro livro escrito por Allan Kardec, *O livro dos espíritos*,³ quando, ao tratar do tema *A Prece*, registrou:

Poderemos utilmente pedir a Deus que perdoe as nossas faltas?

Deus sabe discernir o bem do mal; a prece não esconde as faltas. Aquele que a Deus pede perdão de suas faltas só o obtém mudando de proceder. As boas ações são a melhor prece, por isso que **os atos valem mais que as palavras.**” (Destaques nossos.)

O senso comum confirma serem os atos mais valiosos do que mil palavras e poderíamos por extensão, dizer também valer mais do que mil textos, imaginando a palavra dita e a escrita. Assim o diz igualmente a máxima popular: “A palavra convence, o exemplo arrasta”.

Não há nesta análise, nenhuma oposição à boa prática da divulgação doutrinária, por qualquer meio lícito e mídia possível. Tal conduta, importante, nobre, meritória e permanente, conforme recomenda Emmanuel, sempre será bem-vinda e louvada.

Entretanto, dada a inquestionável força do *exemplo*, cremos deveria o mesmo receber a máxima atenção dos espíritas: na família; na atividade profissional; na seara religiosa e na sociedade, o que representa, isto sim, a maior caridade a ser feita pela Doutrina.

Agindo assim, nos faremos (re)conhecidos dentro do organismo social por muito nos amarmos; seremos identificados na coletividade como praticantes da verdade, da honestidade, da honradez, da lisura no falar e, principalmente, no agir, ou seja, fiéis cumpridores da lei de justiça, de amor e de caridade. Dessa forma nos tornaremos divulgadores vivos da Doutrina onde estivermos, verdadeiros

propagandistas dos princípios do Espiritismo, atraindo todos os desejosos dos bons exemplos; dos homens íntegros; dos seguidores e praticantes da ética e da moralidade, tão escassos em nossa sociedade moderna. Em poucas palavras: *dos homens de bem*.

¹ XAVIER, Francisco C.; VEIRA, Waldo. *Estude e Viva*. Pelos Espíritos Emmanuel e André Luiz. 12. ed. Rio de Janeiro: FEB Editora, 2006. cap. 40.

² KARDEC, Allan. Revista espírita: jornal de estudos psicológicos. ano 12, n. 6, jun. 1869. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Dissertações Espíritas, p. 257.

³ KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 1. imp. (Edição Histórica.) Brasília: FEB, 2013. q. 661.